

OXIGÊNIO

JANEIRO 2024

O

NÚMERO 53

PLANETA TERRA:
UM LAR PARA TODOS



EDITORIAL

A mostra *Casa Comum*, que inaugura a programação 2024 do Futuros – Arte e Tecnologia, no Rio de Janeiro, propõe investigar a cultura dos povos originários, o colonialismo e o aviso presciente do colapso ecológico.

A instalação multicultural e multimídia ocupará todos os espaços do prédio com obras de diferentes artistas amazônidas, desenvolvidas a partir da concepção dos povos originários que consideram o planeta a casa comum de todos os seres vivos.

Através de uma experiência híbrida, entre colaboração digital virtual e imersão presencial na Amazônia, a mostra é resultado de uma parceria artística internacional, iniciada em 2020, com financiamento do *British Council*.

Inspirada no termo “*casa comum*” usado nas cosmovisões indígenas, a pesquisa explora o alerta de destruição do planeta através do olhar de uma cultura ligada intimamente à natureza e o impacto da atividade humana sobre ela.

Qual o papel dos artistas e da arte em relação à crise climática e humanitária que vivemos hoje? O que nós podemos fazer para ajudar a sobrevivência da nossa casa comum? Esses são apenas dois dos pontos de reflexão propostos no complexo universo da mostra que é capa dessa primeira edição do ano.

Boa leitura!

Capa: Exposição “*Casa Comum*”, foto divulgação

Jornalista Responsável: Vera Matagreira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

ÍNDICE

- 04 **OXIGENE:** Espetáculo infantil abre temporada 2024 do MAM SP | *Sra. Klein*, com Ana Beatriz Nogueira, estreia nova temporada no Teatro das Artes RJ | *Um Giro pelo Mundo – Navegando no Cinema Infantil* chega ao CCBB Rio de Janeiro
- 15 **MATÉRIA DE CAPA:** *CASA COMUM* ganha exposição de grande escala no Futuros – Arte e Tecnologia, Rio de Janeiro
- 22 *Yente – Del Prete. Vida Venturosa*, no Instituto Tomie Ohtake, São Paulo
- 26 **DIRETO DE LONDRES:** Quando as luzes de Natal iluminam os caminhos da arte
- 31 Destaques do Instituto Moreira Salles em 2024
- 33 Exposições e ocupações no Itaú Cultural SP – Primeiro Semestre de 2024
- 35 MAM São Paulo anuncia programação de exposições de 2024
- 38 “*Corpo Botânico*” inaugura nova sede do Arte Clube Jacarandá, no Parque da Catacumba, Rio de Janeiro
- 43 Na Casa Roberto Marinho, RJ, *Conversas entre Coleções*



Foto: Alécio César

Espectáculo infantil abre temporada 2024 do MAM SP

Grande Circo Grandevo, do grupo teatral Pequeno Teatro do Mundo, reflete de forma poética a longevidade dos artistas circenses

A agenda de 2024 do Museu de Arte Moderna de São Paulo inicia com uma nova temporada de espetáculos de teatro voltados ao público infantil aos finais de semana. O Grande Circo Grandevo abre a temporada do Teatro no MAM com dupla apresentação aos sábados e domingos (dias 6, 7, 13, 14, 20, 21, 27 e 28 de janeiro), às 11h e às 16h, no auditório Lina Bo Bardi.

O ESPETÁCULO

Feita em uma performance de teatro de marionetes de fio, a peça mostra com muita poesia o desafio de uma trupe de artistas circenses idosos que precisam se reinventar. Acostumados a se apresentarem entre trapézios, cordas bambas, equilibrismos, malabarismos e até no globo da morte, encontram o desafio de se reinventar na velhice e criar números com a realidade de seus corpos. O que era limite agora é inspiração e eles buscam, de forma divertida, novos modos de encantar o público e fazer ecoar o riso nas plateias.

De acordo com Fabio Retti, um dos idealizadores do grupo, a ideia principal do espetáculo é a questão dos estereótipos da velhice, principalmente em relação ao lado físico dos artistas. *“Nós percebemos, por exemplo, que nossos corpos já não respondem tão bem quanto há dez anos, mas, ao mesmo tempo, nossa cabeça continua muito produtiva”*.

Nesse contexto, o circo foi escolhido como plano de fundo por dois motivos: primeiro por ser uma linguagem extrema, que também exige uma superação física constante. Segundo, pela própria paixão do coletivo por esse universo. *“Quando eu entro nesse ambiente, eu esqueço do mundo e começa um tempo mágico, do risco e da tensão. As emoções são exploradas à flor da pele. A gente fica ali torcendo e angustiado com os riscos. Por isso, os espetáculos são cativantes: eles têm esse desenho de emoções intensas. É uma experiência bem forte”*, completa Retti.

SOBRE O GRUPO

O *Pequeno Teatro do Mundo* foi fundado em 2015 por Fábio Retti e Fabiana Vasconcelos Barbosa, ambos com mais de vinte anos de experiência profissional na área das artes cênicas, quando iniciaram a pesquisa em

teatro de marionetes e construíram a carroça-teatro. A partir de então criaram quatro espetáculos que circulam por todo o país: *“Grande Circo Grandevo”*, *“Rossini por um fio”* e as óperas *“O Menino e os Sortilégios”* e *“Onheama”*.

O grupo realizou apresentações em várias cidades do país, incluindo o *Festival Internacional de Londrina FILO 50+1*, do SESC Encena no Paraná. Em parceria com o Festival Amazonas de Ópera, apresentou suas três óperas no Teatro Amazonas, em escolas, em hospitais e em comunidades ribeirinhas e indígenas no interior do Estado. Realizou temporada no Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM SP, esteve na *Mostra SESC Cariri de Culturas* e no *Festival Internacional Intercâmbio de Culturas – FIL* apresentado no CCBB RJ.

SERVIÇO

Teatro no MAM

Peça: Grande Circo Grandevo

Dias: 6, 7, 13, 14, 20, 21, 27 e 28 de janeiro, às 11h e 16h

MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo

Auditório Lina Bo Bardi

Ingressos: R\$ 50,00 – Meia R\$ 25,00 / Amigo MAM R\$ 15,00

(Dois convites por CPF) através do site: mam.org.br/ingressos

Duração: 50 minutos | Classificação: Livre



Foto: Alécio César

SRA. KLEIN, com Ana Beatriz Nogueira, estreia nova temporada no Teatro das Artes RJ

*Natália Lage e Kika Kalache estão no elenco do espetáculo sobre a psicanalista Melanie Klein,
que teve ingressos esgotados em São Paulo e no Rio em 2023*



Da esquerda para a direita: Kika Kalache, Ana Beatriz Nogueira e Natália Lage

Foto: Lucio Luna



Foto: Cristina Almeida

Recorte de um único e intenso dia na primavera londrina de 1934, o espetáculo *"Sra. Klein"*, que teve ingressos esgotados em São Paulo e no Rio em 2023, estreia nova temporada no dia 5 no Teatro das Artes, no Shopping da Gávea. Embora ambientado há quase 90 anos, o texto do autor inglês Nicholas Wright – com adaptação brasileira de Thereza Falcão —segue atual, como atesta o diretor, Victor Garcia Peralta. *"A história é sobre uma família disfuncional, a relação tóxica entre mãe e filha. O público vai se identificar demais porque sempre há dificuldades nesses vínculos"*, explica ele, que já havia montado o texto há 33 anos, na Argentina.

As histórias familiares da psicanalista austríaca Melanie Klein (1882-1960) exercem fascínio no mundo todo e a peça já foi encenada no Brasil duas vezes — nos anos 1990, com Ana Lúcia Torre, e em 2003, com Nathália Timberg à frente do elenco, ambas sob a direção de Eduardo Tolentino de Araújo. Foi ao assistir à segunda montagem de Tolentino que Ana Beatriz Nogueira desejou pela primeira vez viver a personagem-título. Vinte anos depois, a atriz realiza esse sonho — ela estreou a montagem em São Paulo, no Sesc 24 de Maio, ao lado de Natália Lage e Kika Kalache, em junho de 2023, e no Rio, lotou o Teatro Prudential durante o mês de agosto. O trio de atrizes promete repetir esse feito agora no primeiro mês do ano.

"É um texto muito bem feito, que remete aos clássicos em termos de estrutura, e com o qual o público se identifica demais. Eu me lembro que fiquei com a peça na cabeça desde que a vi. Pensei comigo: 'Quando for mais velha, eu quero fazer'. A gente deseja fazer certos papéis mais velhos, com a idade da personagem, embora em teatro tudo seja possível. Só que é mais interessante estar mais madura como atriz", comenta Ana Beatriz Nogueira, também produtora da peça, feliz com o retorno.

A atriz mergulhou numa longa pesquisa sobre a obra e a personalidade da psicanalista. *"Essa peça é mais sobre lidar com a vida do que com a morte, e isso inclui, claro, questões cotidianas e os lutos das nossas certezas e crenças"*, explica.

Para Natália Lage, que interpreta Melitta, filha de Klein, o fio condutor do espetáculo está nos conflitos entre mãe e filha. Neste recorte, ambas as personagens precisam encarar a morte de Hans, o filho/irmão mais novo. *"A relação das personagens não tem nada a ver comigo e a minha mãe, mas, às vezes, esbarra em algum lugar. Como a Klein testou seu método psicanalítico nos dois filhos, a Melitta se sente violada na sua intimidade, questiona essa mistura de vida pessoal com profissional, e entra numa trilha de vingança."*

Então temos uma lavação de roupa suja das boas", conta Natália.

Há ainda um terceiro vértice nessa discussão: Paula, personagem de Kika Kalache, que ora tende para o lado de Melitta, sua amiga, ora para o lado de Klein, de quem é discípula. *"O encontro das três é forte. A minha personagem é muito observadora, tem menos embates, pois é mais contida. Paula acaba tendo um ponto de vista da história parecido com o do público", explica Kika.*

Nesta sua nova encenação, Victor Garcia Peralta seguiu um caminho mais contemporâneo: *"Os figurinos da Karen Brusttolin remetem aos anos 1930, mas também dialogam com a moda de hoje. Temos três mulheres e 18 cadeiras em cena, é como um quebra-cabeça. Acho curioso que essas três analistas, tão experientes em ouvir o outro e tratar das questões de seus pacientes,*

não conseguem se ouvir e ver o óbvio da questão que estão enfrentando. Em muitos momentos, o humor delas sarcástico é maravilhoso", observa o diretor.

SERVIÇO

Sra. Klein

Reestreia: 5 de janeiro, sexta-feira, às 20h

Temporada: até 4 de fevereiro

Teatro das Artes – Shopping da Gávea

Rua Marquês de São Vicente, 52 / 2º piso, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Dias/horários: quinta a sábado, às 20h; domingo às 18h

Ingressos: quinta – R\$ 100 e R\$ 50 (meia);

sexta, sábado e domingo – R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

Bilheteria: quinta a domingo, a partir das 15h

Vendas online: <https://divertix.com.br/teatro/sra-klein>

Capacidade: 418 lugares | *Acessibilidade:* sim

Classificação: 14 anos | *Duração:* 90 min

Gênero: drama / suspense





Still do filme Tito e os Pássaros

Um Giro pelo Mundo – Navegando no Cinema Infantil chega ao CCBB Rio de Janeiro

*Na segunda edição da mostra – de 6 a 28 de janeiro – serão apresentados
50 filmes, de oito países, e realizadas diversas atividades recreativas.
Evento gratuito para crianças de todas as idades*

Refletir sobre tolerância e diversidade de uma forma lúdica é o convite que a mostra *Um Giro Pelo Mundo – Navegando no Cinema Infantil* faz às crianças e suas famílias nesse mês de janeiro. Além das sessões de cinema, diversas atividades recreativas serão realizadas no foyer. Os ingressos são gratuitos e podem ser retirados

na bilheteria ou no site do CCBB. O projeto é patrocinado pelo Banco do Brasil.

O tema da segunda edição da mostra é a “tolerância”, presente de diversas maneiras nas histórias dos 50 filmes selecionados da Alemanha, Argentina, Austrália,

Brasil, Espanha, França, Itália e Suíça – quase todos dublados em português, o que garante acesso irrestrito ao público infantil. Eles trazem a diversidade da linguagem audiovisual do cinema infantil de curta, média e longa-metragem, animação, documentário e ficção. São produções para o cinema e para a televisão, várias delas com prêmios internacionais. Importante destacar que a maioria dos títulos não foi exibida no circuito comercial, oferecendo ao público a oportunidade de conhecer olhares diferentes dos filmes dos grandes estúdios.

“É uma oportunidade para as crianças explorarem temas como diversidade, inclusão, respeito ao outro e ao meio ambiente, buscando inspirar os espectadores a valorizar a aceitação e a compreensão mútua, independente das diferenças culturais, sociais ou individuais. São filmes que fogem da linguagem padronizada, e que apresentam produções fantásticas e enredos maravilhosos”, comenta a curadora Carina Bini.

Complementando a programação dos filmes, as atividades recreativas acontecem às sextas (menos no dia 12/01), sábados e domingos, às 16h, entre as sessões do cinema. No foyer, as crianças poderão participar de oficinas de perna de pau, com a atriz, cantora e circense Amarilis Irani. Ela irá promover várias brincadeiras, jogos de movimento e exercícios de destreza, nos dias 6 e 14. Já a bailarina flamenca Aline Carrocino irá estimular a percepção rítmica e a sensibilidade musical dos pequenos com castanholas, no dia 19.

Fazem parte da programação o *“Baile da Bicharada”*, um show com músicas e histórias de bichos comandado pelo músico Ralphen Rocca; contação de histórias com a *Cia Só Papo*, com músicas, instrumentos, jogos e adereços, nos dias 7 e 27; e uma tarde com movimento e dança ao som do frevo, com a atriz e bailarina Sémada Rodrigues, na atividade *“É Frevo, pirrãia!”*, nos dias 13 e 28. No dia 20, sala de cinema: a diretora Dilea Frate bate um papo com o público sobre seu filme *Fábulas Tortas*.

A mostra *Um Giro Pelo Mundo – Navegando no Cinema Infantil*, que já foi realizada no CCBB Brasília, acontece

também no CCBB Belo Horizonte, de 4 de janeiro a 4 de fevereiro (quinta a domingo), e no CCBB São Paulo, de 13 de janeiro a 4 de fevereiro (quarta a domingo).

DESTAQUES

A mostra abre no dia 6 de janeiro (sábado) com uma programação dedicada às produções nacionais, em sessões com recursos de acessibilidade: uma seleção de curtas, às 15h, com tradução para LIBRAS; e, às 17h, com legenda descritiva, o longa *Tarsilinha*, inspirado na obra de Tarsila do Amaral, que participou de diversos festivais nacionais e internacionais.

Na mostra também serão exibidos o longa gaúcho *As aventuras do avião vermelho*, inspirado na obra de Érico Veríssimo. Em sessões com legenda descritiva, *Tito e os Pássaros*, premiado no Anima Mundi e nos festivais de Chicago e Havana, além de ter sido pré-indicado ao Oscar 2019 na categoria de "Melhor Animação".

As produções europeias marcam presença com animações francesas recentes e premiadas, como os longas-metragens *A Viagem do Príncipe*; *Calamity*; *Yakari – A fantástica viagem* e o média *Vanille*; os curtas suíços *A Raposa e a Orelha*, *Domingo*, *O último dia do outono*, *Cérebro Perdido* e *Marea*; e a série italiana *Winx Club – A Magia da Itália*, um sucesso desde 2004.

Ainda do velho continente, a Espanha traz o longa musical *Valentina*, sobre uma garota com síndrome de Down que sonha em ser trapezista; da Alemanha, *Hurricane*, *Livre como o Vento*, sobre os cuidados com os animais.

Lost and Found, vencedor de seis prêmios, incluindo o BAFTA de Melhor Animação (2009), está entre os representantes da Austrália. Da Argentina, a mostra apresenta 13 curtas-metragens, de animação e documentário, produzido pela TV pública Pakapaka, dedicada ao público infanto-juvenil; e o longa de ficção *Natacha*, dirigido por Eduardo Brito.

PROGRAMAÇÃO DO CCBB RJ

Disponível no site bb.com.br/cultura
Classificação indicativa de todos os filmes: LIVRE

SINOPSES

GIRO PELA SUÍÇA

A raposa e a orelha | Animação | 12 min.

Por acaso, uma raposa solitária se torna o pai improvisado de um filhote que mal saiu do ovo. É assim que dois caminhos se cruzam e uma família nasce, até que o destino lembra a cada um de nós o nosso próprio caminho.

Domingo | Animação | 10 min.

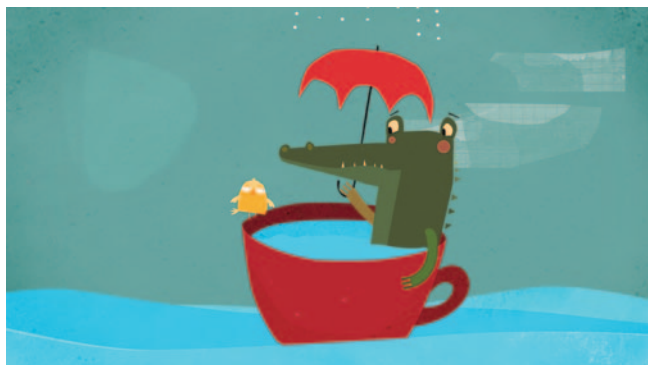
Expulso da máquina semanal por incompetência, Dimanche conhece um misterioso alter ego que o leva a um passeio contemplativo pela cidade. No final de uma jornada interior onírica, Dimanche retorna à máquina semanal para reinventá-la.

O Último Dia do Outono | Animação | 7 min.

O último dia do outono é uma boa ocasião para os animais da floresta organizarem uma corrida. Com o frio glacial do inverno respirando em seus pescoços, os participantes pedalam e rolam em direção à linha de chegada e aos seus abrigos de inverno, ajudando uns aos outros ao longo do caminho.

Cérebro Perdido | Animação | 6 min.

Toda vez que Louise, o crocodilo, espirra, ela perde parte de seu cérebro, até que não consegue realizar tarefas simples e fica presa em seu próprio apartamento. Ela precisa encontrar uma maneira de redescobrir o mundo antes que desapareça completamente.



Still do filme *Cérebro Perdido*

Marea | Animação | 5 min.

Uma família especial de guardiões da lua vive em uma pequena ilha e lida com os altos e baixos de sua vida cotidiana e da maré. O filme retrata o delicado equilíbrio entre os personagens e o ambiente em que vivem.

GIRO PELA ESPANHA

Valentina | Animação | 70 min.

Valentina sonha em ser trapezista e acredita que, por ser portadora de Down, não conseguirá realizá-lo, mas sua avó lhe garante que, se as lagartas podem se transformar em borboletas, nada é impossível.

A galinha cega | Animação | 8 min.

Um cego perde acidentalmente o seu cão-guia. Sozinho e na escuridão de uma grande cidade, ele descobre que a sua força reside no reconhecimento da sua própria vulnerabilidade. Desta forma, é capaz de criar uma nova cidade com a qual se identifica e à qual pertence.

Girafa | Animação | 7 min.

Uma girafa de pescoço curto, um idiota presunçoso, uma maldita seca, um coquetel molotov. O ciclo da vida encontrou o seu fim.

Atenção ao Cliente | Animação | 7 min.

Num futuro frio e hostil, uma velha avó é forçada a contornar as regras para conseguir algo para colocar no estômago do seu cão magricela. Seguranças metálicos, viciados em compras desenfreadas e medidas de segurança paranóicas vão impedir as proezas vandálicas da senhora.

GIRO PELA FRANÇA

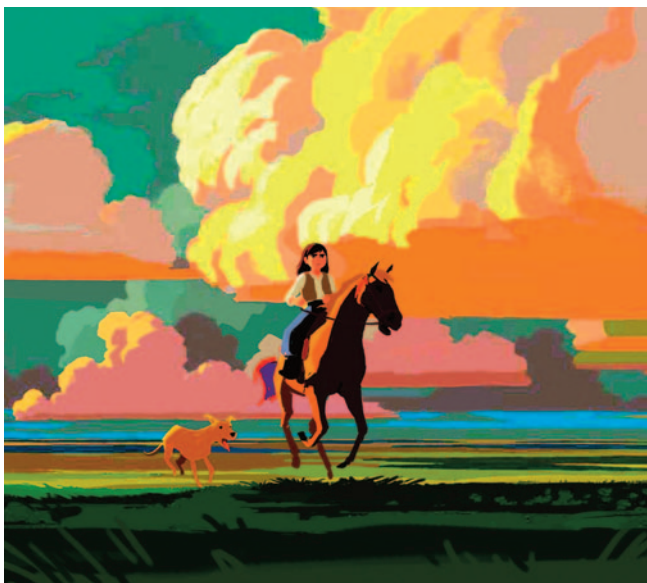
A Viagem do Príncipe | Animação | 77 min.

Um príncipe estrangeiro é encontrado desacordado na costa de um país longínquo e de hábitos culturais diferentes. Considerando-o estranho e primitivo, dois cientistas resolvem estudá-lo. Para isso, prendem o príncipe no museu onde trabalham, onde o príncipe faz

amizade com o jovem Tom, que irá apresentá-lo a esse novo país, um mundo construído em detrimento da floresta e da natureza, cujos habitantes se creem únicos e são dominados por diversos tipos de medos.

Calamity | Animação | 85 min.

Com o pai ferido, Martha Jane deve dirigir a carroça da família e cuidar dos cavalos. Martha Jane nunca se sentiu tão livre e passou a usar calças para melhor andar a cavalos. Isso é muito ousado para Abraão, o líder do comboio, que a acusa de roubo. Vestida de menino, vai em busca de sua inocência e firma sua personalidade única no mundo.



Still do filme *Calamity*

Vanille | Animação | 31 min.

Vanille, uma garotinha parisiense que acaba de chegar a Guadalupe, a ilha de origem de sua mãe, para passar as férias, mergulha em uma aventura cheia de mistério, onde conhece personagens coloridos e uma flor mágica. É um feriado que promete ser cheio de reviravoltas!

Yakari - A Fantástica Viagem | Animação | 82 min.

Yakari é um dos grandes heróis da literatura infantil. É uma criança Sioux feliz, corajosa e generosa, dotada do fabuloso poder de falar e compreender a linguagem dos animais. Mas Yakari nem sempre teve esse dom.

GIRO PELA ALEMANHA

Hurricane, Livre como o Vento | Ficção | 96 min.

Quando uma tempestade força um circo de cavalos a parar em uma pequena cidade, a jovem Ari se encanta com o espetáculo, mas nota o sofrimento de um velho cavalo. Decidida a ajudar o animal, Ari fará grandes amigos e correrá muitos perigos.

GIRO PELA AUSTRÁLIA

Elders (Anciões) | Drama | 10 min.

Dois anciãos indígenas sentem que seu neto está pronto para começar a aprender lições de importância vital que irá equipá-lo com as ferramentas para manter a futura sobrevivência da sua cultura.

Lost and Found (Achados e Perdidos) | Animação | 24 min.

Um desajeitado dinossauro de tricô deve se desmanchar para salvar o amor da sua vida.

Dream weaver (Fabricante de sonhos) | Aventura | 10 min.

Um menino se muda para um novo bairro e descobre sua paixão por kart.

Jarli | Animação | 8 min.

Jarli Jones, uma jovem indígena no outback australiano, sonha em voar para as estrelas e parte em uma aventura para fazer exatamente isso.



Still do filme *Jarli*

GIRO PELA ITÁLIA

Winx Club – A Magia da Itália | Animação

8 Episódios de 5 min.

É o clássico animado que continua a fazer o mundo sonhar. Nascidas na Itália em janeiro de 2004, as fadas criadas pela criatividade de Iginio Straffi são um fenômeno cultural reconhecido em todo o mundo pelo seu estilo, originalidade e histórias envolventes e cada vez mais ricas em magia.

GIRO PELA ARGENTINA

Natacha | Ficção | 75min.

Natacha visita esse planeta em que o absurdo é o oxigênio que mantém viva a imaginação das crianças. Nati e Paty são grandes amigas que partilham namorados, segredos e uma aventura em que escrevem cartas de amor para aliviar o cupido do trabalho de ajudar os mais novos.

Pakapaka

A palavra Pakapaka, em Quechua, significa esconde-esconde, brincadeira de crianças. A mostra traz 13 filmes de curta-metragens, de animação e documentário, cujo tema é a "tolerância".

GIRO PELO BRASIL

Thiago e Ísis – E os Segredos do Brasil (Episódios Mamulengo Presepada, Cânticos Fulni-ô e Festa das Flores)

Documentário | 3 Episódios de 13 min.

Thiago e Ísis — Os Segredos do Brasil é uma série documental para o público infantil que usa fantoches como personagens principais e estimula o interesse das crianças na cultura brasileira. A produção audiovisual apresenta a diversidade cultural do país acompanhando as viagens de Thiago (5 anos) e Ísis (7 anos), que partem com seu pai João para conhecer alguma tradição cultural brasileira.

Fábulas Tortas | Animação | 61 min.

Um filme de animação que mostra uma turma dividindo o gosto pelos livros, pelo mistério e pela aventura ilimitada.



Still do filme *Fábulas tortas, Episódio 1, As luas de Luiza Brasil*

Tito e os Pássaros | Animação | 73 min.

Um menino e seus dois amigos partem para encontrar a pesquisa perdida do seu pai sobre canções de pássaros, algo que pode salvar seu mundo de uma epidemia na qual o medo adoece as pessoas. O filme foi pré-indicado ao Oscar 2019 na categoria de "Melhor Animação" – o único brasileiro em uma lista com 25 títulos. Participou de mais de 80 festivais ao redor do mundo e ganhou reconhecimento internacional especialmente com as participações em Annecy e TIFF, além dos prêmios no Anima Mundi, Chicago e Havana.

Tuca, o Mestre Cuca | Animação | 2 Episódios de 11 min.

O amor de Tuca pela culinária, as inúmeras traquinagens de Pri e as relações entre os irmãos, pais e amigos, alimentam histórias repletas de aprendizado emocional e cultural.

Tarsilinha | Animação | 80 min.

O longa metragem é inspirado na obra de Tarsila do Amaral e conta a história de Tarsilinha, uma menina de 8 anos que embarca numa jornada incrível para recuperar as memórias roubadas de sua mãe. O filme foi selecionado para 12 festivais nacionais e internacionais, incluindo o *Children's International Film Festival*, na Austrália.

Napo | Animação | 16 min.

Incapaz de entender a doença que leva seu avô entre o passado e o presente, João tropeça em um velho álbum cheio de fotografias e deixa as imagens guiarem sua imaginação, transformando as memórias de seu avô em interpretações de desenhos. Desenhos

que moldam sua relação em uma história de lembrança e construção de memória. Finalista no *LA Shorts 2020*, um dos principais encontros de curtas do mundo, *Napo* circulou por mais de 60 eventos, entre eles os Festivais de Xangai, Atlanta, Santa Monica, San Jose, Moscou, Chicago e Lago, entre outros.

As Aventuras do Avião Vermelho | Animação | 72 min.

Fernandinho, um menino de 8 anos, que perdeu a mãe há pouco tempo, torna-se um garoto solitário, sem amigos e com problemas de relacionamento com o pai e na escola. Sem saber como lidar com a situação, o pai tenta conquistá-lo com presentes. Nada funciona até que ele dá para o filho um livro de sua infância. Encantado com a história, Fernandinho decide que precisa de um avião para salvar o Capitão Tormenta – aviador personagem do livro, que está preso no Kamchatka. A bordo do Avião Vermelho, Fernandinho visita lugares inusitados, como a Lua e o fundo do mar, e percorre diferentes territórios – África, China, Índia, Rússia. Ao longo dessa

jornada, ele descobre o prazer da leitura, a importância de ter amigos e o amor do pai. Inspirado no livro de Erico Verissimo, escrito em 1936, o longa combina a tradicional técnica do desenho animado 2D, produzido em papel, com as possibilidades de movimentação espacial da animação digital 3D. Indicado ao Grande Prêmio do Cinema Brasileiro.

SERVIÇO

Um Giro pelo Mundo – Navegando no Cinema Infantil

De 6 a 28 de janeiro, de quinta a domingo

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro

Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Contato: Tel. (21) 3808-2020 | cbbrio@bb.com.br

Sala de Cinema 1 (102 lugares, sendo 4 para cadeirantes)

Ingressos: Entrada Franca – disponibilizados às 9h do dia

da sessão na bilheteria física ou em bb.com.br/cultura

www.bb.com.br/cultura



Still do filme *Tarsilinha*

A woman with dark hair and red face paint on her cheeks and chin is looking upwards. She is wearing a green woven garment made of palm leaves. The background is black.

CASA
COMUM
ganha
exposição
de grande
escala
no Futuros –
Arte e
Tecnologia,
RJ

ARTE – TECNOLOGIA – ATIVISMO – PESQUISA – OCUPAÇÃO MULTIMÍDIA EXPERIÊNCIAS SENSORIAS - ESCUTA - APRENDIZADO - AMPLIFICAÇÃO DE VOZES

Instalação multicultural e multimídia abre dia 10 de janeiro, no Futuros – Arte e Tecnologia, Rio de Janeiro, com obras e experiências de diferentes artistas amazônidas e olhar direcionado à concepção indígena do planeta como uma “casa comum” de todos os seres vivos. A mostra, com idealização, curadoria e direção artística de Renato Rocha, propõe investigar a cultura dos povos originários, o colonialismo e o aviso presciente do colapso ecológico

A exposição *CASA COMUM* é um acontecimento artístico inédito: entre os dias 10 de janeiro e 10 de março, irá ocupar todos os espaços, galerias e andares do Futuros – Arte e Tecnologia, com um universo de obras e instalações multimídias criadas especialmente para o local. Entre os destaques, sala imersiva, instalações inéditas, obras de vídeo-arte, experiência sonora, documentário sobre a vivência dos artistas na Amazônia, além de uma escultura de uma anaconda gigante de 25 metros de comprimento. Essa é a primeira vez que o projeto-plataforma, desenvolvido desde 2020 e que já circulou em grandes festivais pelo mundo (incluindo a COP 26, em Glasgow, Escócia, em 2021), ganha escala de uma “Major Exhibition”.

“CASA COMUM é um importante manifesto onírico espiritual vertiginoso, embaralhado, dessas muitas tecituras de sonhos e visões de cada artista envolvido, capturando a ideia de casa comum como a coabitação de diversas criaturas, corpos e sonhos. Do trânsito amazônico entrelugares, florestas, cidades e rios, e do transversando entre ancestralidade presente e futuro, criando uma plataforma de escuta-aprendizado-amplificação de vozes”, afirma Renato Rocha.

*“tornamo-nos alienados
deste organismo
do qual fazemos parte,
a Terra,
e passamos a pensar
que ela é uma coisa
e nós somos outra:
a Terra
e a humanidade”*

Ailton Krenak



Foto: Divulgação

A mostra é resultado de uma parceria artística internacional, entre Renato Rocha, o estúdio digital londrino SDNA (Ben Foot e Valentina Floris), 12 artistas amazônicos – Alcemar Vieira Sateré, André Sateré, Elizete Tikuna, Jaqueline Santos, Jayne Kira, Rafa Militão, Rafael Bqueer, Roberta Carvalho, Uýra, Valda Sateré, Verlene Mesquita, Wellington Dias – os cineastas Takumã Kuikuro, do Xingú, e Rafael Ramos, de Manaus, o artista sonoro Daniel Castanheira, do Rio de Janeiro, e a Galharufa Produções Artísticas.

Através de uma experiência híbrida, entre colaboração digital virtual e imersão presencial na Amazônia, com o povo indígena Sateré Mawé, o grupo de artistas utilizou recursos de audiovisual, vídeo arte, performance, artes visuais, e a arte sonora como suportes para pensar a ideia do planeta como uma casa comum, refle-

tindo a importância das vozes dos amazônidas e das cosmovisões indígenas, na produção de narrativas não hegemônicas que pensem a crise climática e humanitária que vivemos hoje no mundo.

“Por meio da cultura e suas múltiplas linguagens, o Futuros – Arte e Tecnologia busca engajar o público em debates e reflexões conectados com o nosso tempo. CASA COMUM abre a nossa programação em 2024 combinando arte, diversidade e urgência socioambiental com obras, debates e performances de artistas do norte do país. Assim, ao realizar essa exposição, reafirmamos nosso propósito de valorizar a diversidade de tradições e identidades, indispensáveis para construção de futuros mais sustentáveis, justos e inclusivos”, ressalta Victor D’Almeida, gerente de cultura do Oi Futuro.

GÊNESE E TRAJETÓRIA DO PROJETO CASA COMUM

O projeto CASA COMUM foi inicialmente (2020) financiado como projeto de pesquisa pelo *British Council UK*, através do programa *Digital Collaboration Fund*, que criou parcerias entre artistas britânicos e internacionais, durante a pandemia, desenvolvendo maneiras inovadoras de colaborações virtuais.

Inspirado no termo “casa comum” usado nas cosmovisões indígenas, no qual se refere ao planeta Terra como um lar para todos os seres vivos – um conceito enfatizado por Ailton Krenak na conferência de Lisboa, em 2017 –, a pesquisa explora o alerta presciente do colapso ecológico através do olhar de uma cultura inti-

mamente ligada à natureza, e o impacto da atividade humana sobre ela.

Mas a Terra, nossa casa comum tem um limite. Então como atender a esse chamado? Quais ações são necessárias para que isso seja possível? Como as vozes amazônicas, que formam seus olhares e meios de existências no trânsito entre rios, cidades e florestas, podem mudar nossa perspectiva em relação ao planeta hoje?

Cada um dos artistas participantes apresenta propostas que relacionam suas criações com a ideia de “casa comum”, e a Amazônia serviu como base para todos se reunirem em residência imersiva e performarem seus

Foto: Divulgação





Foto: Divulgação

trabalhos, tornando o projeto uma plataforma audiovisual de amplificação dessas vozes do Norte do Brasil. Trata-se de uma colaboração artística internacional multicultural e multimídia inspirada na cosmovisão dos indígenas, utilizando a arte e a tecnologia como meios para desconstruir as narrativas hegemônicas ocidentais.

PRIMEIROS PERCURSOS:

MANAUS, LONDRES, GLASGOW, PARÁ E PORTO

Os artistas Alcemar Vieira Sateré, André Sateré, Elizete Tikuna, Jaqueline Santos, Jayne Kira, Rafa Militão, Rafael Bqueer, Roberta Carvalho, Uýra, Valda Sateré, Verlene Mesquita e Wellington Dias, tiveram como cenário a maior floresta tropical do mundo. Percorreram rios, cidade e floresta. Ora em Manaus, ora na Comunidade

Indígena do povo Sataré Mawé na Aldeia Waikiru, nas margens do Rio Negro, ou mesmo dentro de uma embarcação num dia de viagem passando pelos rios Negro, Solimões, Amazonas, Tigre e Manaquiri, até ficarem isolados na floresta na vila Tupãna Mehua.

O projeto exibiu sua pesquisa pela primeira vez em 2021, em Londres, na Inglaterra, dentro do *Casa Festival* realizado, no *Brixton Village Market*, e em intervenções urbanas projetadas nas arquiteturas e espaços públicos em *Shoreditch Park* e *Graham Street*, na parte leste da cidade. Ganhou posição de destaque durante a Conferência do Clima, a COP26, em Glasgow, na Escócia, em 2021, numa ocupação multimídia na *Pipe Factory*, além de dois painéis exclusivos sobre a Amazônia produzidos pelo projeto.

Ainda em 2021, foi exibido pela primeira vez no Brasil, no *Festival Amazônia Mapping*, Pará, numa intervenção em vídeo mapping de grande escala, no Forte do Castelo, ressignificando uma arquitetura colonial, imergindo-a em narrativas amazônicas. Em 2022, fez parte do MIMO Festival, no Porto, em Portugal, com uma programação especial: vídeo mapping exclusivo, vídeo instalação, performances e fórum de ideias com os artistas do projeto, numa parceria inédita com o Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto. Agora o projeto retorna ao Brasil, aportando no prédio do Futuros – Arte e Tecnologia, no Rio de Janeiro, em sua primeira exibição na Região Sudeste, nessa ocupação multimídia.

CONTEÚDOS EXCLUSIVOS EM TRÂNSITO

Os conteúdos artísticos do evento CASA COMUM

são criados de forma inédita e exclusiva para cada intervenção, instalação ou exposições em festivais. O objetivo é estimular um diálogo informal na reflexão sobre questões conceituais e centrais da atualidade, tendo as artes e a tecnologia em cruzamento constante com a linguagem, o conhecimento científico e acadêmico e os saberes tradicionais dos povos originários.

Além de discutir e observar como os mundos humano e não-humano se cruzam e se influenciam mutuamente, o projeto evidencia também como a arte é capaz de criar suportes para um corpo artístico político na amplificação de vozes sobre as questões da contemporaneidade: planeta, aquecimento global, combate às narrativas hegemônicas, identidade, transculturalidade, gênero, diásporas e migrações.

Foto: Divulgação



Quais as chaves que essas vozes amazônidas/povos originários nos trazem hoje?

Como outros povos de outras culturas se relacionam com a ideia de casa comum?

Qual o papel dos artistas e da arte em relação à crise climática e humanitária que vivemos hoje?

Como as plataformas digitais podem servir de lugar de encontro, construção de redes possíveis para o discurso não hegemônico e a criação de um campo afetivo entre telas e culturas?

Como vozes vindas da Amazônia podem nos ajudar a entender o processo de destruição da maior floresta do planeta e nosso papel em relação a isso, no dia a dia de nossas vidas?

A exposição Casa Comum conta com patrocínio do Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa e Oi, através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura.

A mostra integra a programação do Vem, Futuro!, projeto realizado pela Zucca Produções, com correalização de Futuros – Arte e Tecnologia e gestão cultural do Oi Futuro, que oferece uma agenda cultural diversificada no centro cultural Futuros – Arte e Tecnologia. Os patrocinadores do Vem, Futuro! são a Prefeitura do Rio de Janeiro, a Secretaria Municipal de Cultura, Serede, Universidade Veiga de Almeida, Eletromidia, SANDECH Engenharia e Windsor Hotels, por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura do Rio de Janeiro.

SERVIÇO

Casa Comum

Futuros – Arte e Tecnologia

Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo, Rio de Janeiro / RJ
(próximo ao Metrô Largo do Machado)

Informações/tel.: (21) 3131-3060

Temporada: 10 de janeiro até 10 de março de 2024

Visitação: quarta à domingo, das 11h às 20h

Entrada franca, ingressos grátis

Classificação livre, exceto na Galeria 1 com indicação a partir de 12 anos

Website com a programação do Casa Comum:

<https://futuros.org.br>

Foto: Divulgação



YENTE –
DEL PRETE.
VIDA
VENTUROSA,
no Instituto
Tomie
Ohtake,
São Paulo

*Exposição na instituição cultural
paulistana tem parceria
com o Malba–Museo de Arte
Latinoamericano de Buenos Aires,
e fica em cartaz até 18 de fevereiro*

Yente, Tapiz, ca. 1958
Foto: Divulgação





Del Prete,
El abrazo,
1937-1944
Foto: Divulgação

Focada no casal de artistas Eugenia Crenovich (Eugenia Crenovich, Buenos Aires, Argentina, 1905-1990), conhecida como Yente, e Juan Del Prete (Vasto, 1897-Buenos Aires, 1987), a exposição, com curadoria da pesquisadora e curadora-chefe do Malba, María Amalia García, ressalta a sinergia criativa do casal e o vínculo amoroso como uma forma de abordar o fazer artístico.

Durante mais de 50 anos, Yente e Juan Del Prete não só compartilharam a vida de casal, mas também trocaram diariamente ideias sobre arte. Realizaram inúmeras exposições individuais e participaram de diferentes coletivas, porém nunca expuseram juntos. Essa exposição reúne-os pela primeira vez com uma seleção de mais de 150 obras, entre pinturas, esculturas, tapeçarias, desenhos e livros de artista, abrangendo a ampla gama de suas carreiras, das décadas de 1930 a 1980.

Existem dois elementos constantes na produção do casal: o trânsito entre figuração e abstração, abrangendo diversos estilos e a experimentação marcante de materiais. Na paixão pelo fazer, Yente e Del Prete se apropriaram das múltiplas correntes da arte moderna através de diversas referências, sempre usando os materiais como meios de experimentação.

Nas palavras de García: *“A transição entre figuração e abstração foi uma constante no casal, abrangendo vários estilos (cubismo, surrealismo, abstração, expressionismo, entre outros), bem como uma marcada experimentação, tanto com materiais de arte (suportes diversos, têmperas, tintas, tintas a óleo trabalhadas com pincel e espátula; extensos empastamentos e gotejamentos), bem como com uma vasta gama de elementos de bricolagem e materiais descartados.*

Yente e Del Prete, na sua paixão irreprimível pelo fazer, apropriaram-se do cânone da arte moderna através de diversas referências, correntes e representações”, destaca a curadora.

As peças expostas são provenientes principalmente da Coleção Yente – Del Prete, dirigida por Liliana Crenovich (sobrinha da artista) e de importantes coleções privadas e públicas argentinas, como o Museu de Arte Moderna de Buenos Aires e a Coleção Amalita, entre outros.

Embora a abstração tenha sido um caminho de exploração criativa que os uniu de maneira fundamental, a mostra não se limita a esse recorte, percorrendo ambas as trajetórias e abrangendo o arco completo de suas ricas experimentações. *Vida Venturosa* é organizada em dois grandes núcleos: *A união na abstração* e *Voracidade*, que são divididos em subnúcleos, atravessando mais de cinquenta anos de produção.

Apesar das diferenças entre si – ele, um imigrante italiano instalado no bairro de La Boca e formado sob tutela dos pintores do bairro; ela, de Buenos Aires, graduada em filosofia e a caçula de uma família judia abastada de origem russa – o casal percorreu um caminho conjunto de pesquisa artística através de diversas linguagens e materiais.

Se conheceram no inverno de 1935, quando Del Prete já havia passado três anos na Europa, onde dedicou-se à experimentação com a colagem e à abstração, ex-



Del Prete, *Tempi moderni*, 1967

Foto: Divulgação

pondo em companhia da vanguarda construtivista parisiense. De volta a Buenos Aires, realizou duas exposições emblemáticas, onde apresentou fotomontagens, pinturas abstratas, colagens com cordões e chapas metálicas, esculturas em gesso esculpido e projetos de decoração, gerando rejeição e incompreensão na cena artística portenha.

Paralelamente a seus estudos de filosofia, Yente realizava retratos familiares e caricaturas e ilustrações para revistas. No início dos anos 30 ampliou sua formação plástica em passagem pelo Chile. Depois do encontro

com Del Prete, começou sua pesquisa na abstração e por volta de 1937 produziu composições biomórficas: núcleos arredondados e coloridos que às vezes apresentam elementos figurativos. Nos anos 40 seguiu com propostas mais construtivas, escolha que a levou a destruir sua obra anterior, ação em consonância com as sistemáticas destruições de Del Prete, em seu caso justificadas pela falta de espaço. Contudo, a produção aniquilada de Yente não foi documentada como a dele. O casal não escapou aos papéis de gênero vigentes à época, e a carreira de Del Prete foi privilegiada.

Nada do entorno do casal parece ter ficado sem exploração em seus trabalhos. Para além de posição crítica

Yente, *Composicion curvilinea 3*, 1937

Foto: Divulgação



diante das modas, Yente e Del Prete tiveram empatia e flexibilidade para se deixarem atrair pelas diversas possibilidades que a visualidade abria. Segundo García, *“em um constante ir e vir entre figuração e abstração, durante os anos 50 e 60 abraçaram a experimentação pictórica, a colagem, a montagem de objetos e os têxteis. Ainda que de maneiras diferentes, foram vorazes apropriadores de estilos, materiais e técnicas. As anedotas da arte argentina remetem à “gula” de Del Prete para se referir a sua desenfreada produção. Yente, embora mais moderada em seus procedimentos, não foi por isso menos voraz. Sua obra se desdobrou em diversos suportes: não apenas se dedicou ao desenho, à pintura, aos relevos e à escultura, mas também expandiu seu trabalho aos têxteis, aos livros de artista e ao trabalho de arquivo”*, completa.

SERVIÇO

Yente – Del Prete. Vida Venturosa

Até 18 de fevereiro

Instituto Tomie Ohtake

Av. Faria Lima 201 (Entrada pela Rua Coropé, 88),
Pinheiros, São Paulo / SP

Metrô mais próximo – Estação Faria Lima/Linha 4 – amarela

Tel.: (11) 2245 1900

Dias/horários: terça a domingo, das 11h às 19h

Entrada franca



Exposição de Del Prete na Galeria Cavalotti, 1949

Foto: Fototeca Espigas

QUANDO AS LUZES DO NATAL ILUMINAM OS CAMINHOS DA ARTE

Maria Hermínia Donato

Cansada de ver as imagens e notícias diárias que surgem nas minhas telas, quase sempre desalentadoras, decidi sair a procura do espírito natalino de solidariedade e alegria. Convidada por uma amiga, fui visitar um Private Club – na minha opinião, onde a decoração de Natal é mais bonita a cada ano.

Aqui vale ressaltar a tradição dos private clubs em Londres, originados nos séculos XVII e XVIII, inicialmente exclusivos para a alta elite intelectual, social e política masculina, evoluindo ao longo do século XX para incluir mulheres. Esses clubes, hoje, proporcionam oportunidades para networking, troca de ideias e eventos sociais.

Após duas Margaritas, mergulhei no espírito de Natal que buscava. O clube, distribuído em vários andares, acolhe os visitantes com ambientes aconchegantes, cada um com sua decoração exclusiva. Sofás, poltronas, almofadas, lareiras, quadros, porta retratos e flores (ah as flores! Verdadeiras protagonistas de natureza morta à moda holandesa) criam um espaço confortável e familiar.

Ao deixarmos o clube, o frio já não me incomodava; saímos em busca das decorações e luzes natalinas pelas ruas de Londres, que também se superam anualmente.

A cidade sabe celebrar as festividades do Natal e Ano Novo, que oficialmente começam quando as luzes invadem os céus do *West End* londrino. A tradicional cerimônia de ascendimento esse ano apresenta os anjos do *Spirit of Christmas* sobrevoando a *Regent Street*, um espetáculo marcante desde 1954.

A mágica toma conta da *Oxford Street*, adornada por estrelas cadentes que se estendem ao longo da rua. Em parceria com a Starlight, instituição de caridade que apoia crianças em hospitais, o público tem a oportunidade de patrocinar uma estrela e contribuir para uma causa nobre.



Oxford Street

Foto: Site / Reprodução

Bond Street se transforma num espetáculo de luzes: 93.652 lâmpadas LED se unem para formar quatro coroas, inspiradas no *Imperial State Crown*. As elegantes tonalidades de platina, ouro, combinadas com formas delicadas de pérolas, dão vida a tiaras e coroas que iluminam a rua criando uma aura natalina mágica. Os *rickshaws* decorados com neons vibrantes, tocando melodias natalinas acrescentam uma dose extra de alegria ao ambiente urbano.



Bond Street

Foto: Site / Reprodução

O clima é contagiante como se as pessoas estivessem envoltas em uma atmosfera festiva prometendo um Natal e um 2024 memorável.

É inevitável não refletir sobre o ano que passou, sobre os momentos inesquecíveis, os desafios e as conquistas. Com esse sentimento de alegria e otimismo, vale antecipar as experiências culturais que estão por vir

– as exposições de arte programadas para este novo ano adicionam uma camada emocionante à minha celebração.

NATIONAL GALLERY

<https://www.nationalgallery.org.uk/>

O Último Caravaggio

De 18 de abril a 21 de julho

Poucas pinturas poderiam contar melhor a história dos últimos anos de Caravaggio: *O Martírio de Santa Úrsula* (1610, Gallerie d'Italia, Nápoles). A pintura chega a Londres pela primeira vez em 20 anos.



Caravaggio, *O Martírio de Santa Úrsula*

Foto: Wikipédia / domínio público

Degas e Miss La La

De 6 de junho a 1 de setembro

A exposição destaca *Miss La La no Cirque Fernando*, de Degas, revelando novas informações sobre a pintura e

sua protagonista, a artista circense Miss La La. A mostra inclui desenhos raros de Degas e retratos fotográficos inéditos de Miss La La.

Van Gogh: Poetas e Amantes

De 14 de setembro a 19 de janeiro de 2025

Pinturas e desenhos espetaculares de Van Gogh raramente vistas em público.

Descubra Constable & The Hay Wain

De 17 de outubro de 2024 a 2 de fevereiro de 2025

The Hay Wain, pintura de paisagem da Inglaterra na virada do século XIX com obras de artistas que o próprio Constable admira, além de imagens feitas por artistas em resposta à sua pintura.

ROYAL ACADEMY

<https://www.royalacademy.org.uk>

Entangled Pasts, 1768

now Art, Colonialism and Change

De 14 de fevereiro a 26 de maio

100 grandes obras contemporâneas e históricas criando uma conversa sobre arte e seu papel na formação de narrativas de império, escravidão, resistência, abolição e colonialismo.

Angelica Kauffman

De 1 de março a 30 de junho

Uma das artistas mais celebradas do século XVIII. A exposição exhibe sua trajetória desde a criança prodígio até tornar-se uma das pintoras mais procuradas da Europa.



Angelica Kauffman, *Ninfa adormecida observada por um pastor*, c. 1780

Foto: Wikipédia / domínio público

No Olho da Tempestade

Modernismo na Ucrânia, 1900-1930

De 29 de junho a 13 de outubro

Exposição mostra a inovadora arte modernista feita na Ucrânia, entre 1900 e 1930. São 70 obras, de pinturas a óleo e esboços até colagem e design de teatro.

Michelangelo, Leonardo, Raphael, Florença, c. 1504

De 9 de novembro a 16 Fevereiro de 2025

Na virada do século XVI, três gênios do Renascimento italiano – Michelangelo, Leonardo e Rafael – se cruzaram brevemente, competindo pela atenção dos patronos mais poderosos de Florença.

BARBICAN ART GALLERY AND THE CURVE

<https://www.barbican.org.uk>

Unravel The Power and Politics of Textiles in Art

De 14 de fevereiro a 26 de maio

Artistas contemporâneos exploram o potencial transformador e subversivo dos têxteis, desafiando estruturas de poder.

Soufiane Ababri

De 13 de março a 23 de junho

O artista marroquino Soufiane Ababri transformará The Curve para sua primeira exposição individual em uma grande instituição do Reino Unido. Sua prática interdisciplinar abrange desenho, instalação, escultura e performance.

Francis Alÿs

De 27 de junho a 1 de setembro

A maior mostra solo de Francis Alÿs no Reino Unido há quase 15 anos.

Trabalhando em colaboração com comunidades locais em todo o mundo, o seu envolvimento com contextos interculturais, da América Latina ao Norte de África e ao Médio Oriente, vai além das narrativas dominantes e centradas no Ocidente. O que emerge é uma exploração da arte ao longo da vida como veículo para testemunhar mudanças sociais e políticas.

TATE MODERN

<https://www.tate.org.uk/visit/tate-modern>

Yoko Ono – Music of the Mind

De 13 de fevereiro a 1 de setembro

Yoko convida os visitantes para participar de simples atos da imaginação e exploração dos trabalhos.

Expressionists

Kandinsky, Münter and The Blue Rider

De 25 de abril a 20 de outubro

Uma história de amizade contada através da arte.

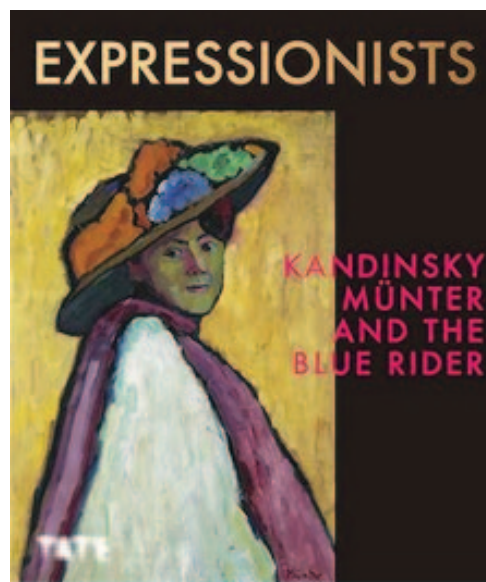


Foto: Reprodução

Zanele Muholi

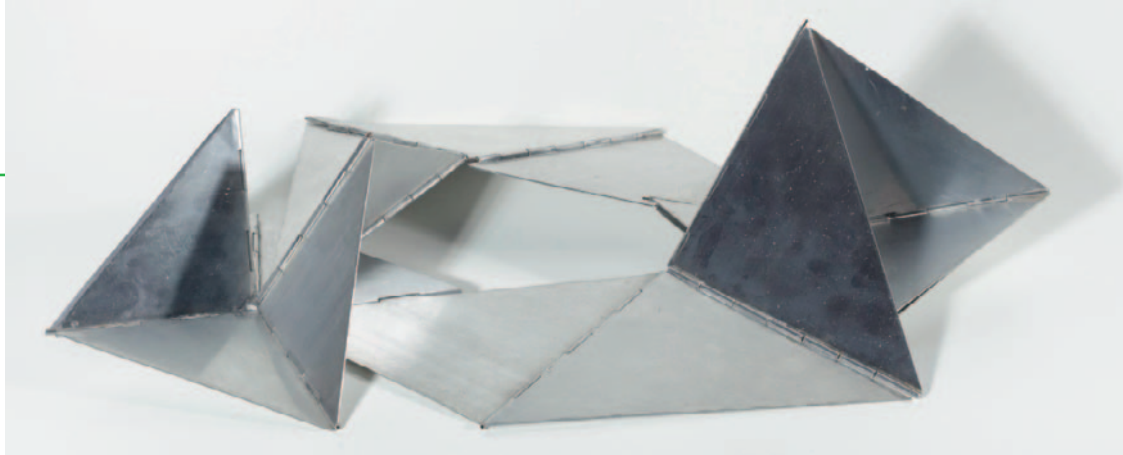
De 8 de junho a 26 de janeiro de 2025

Uma ativista visual que desde 2000 documenta e celebra a vida das comunidades negras de lésbicas, gays, trans, queer, intersexual da África do Sul.

Anthony McCall

De 27 de junho a 27 de abril de 2025

Famoso por sua série de instalações *Solid-light*, forma



Lygia Clark, *Bicho*, 1960

Foto: Reprodução / site da artista

volumétrica que se transforma num espaço tridimensional através da projeção de luz.

Mike Kelley

De 2 de outubro a 9 de março de 2025

Usando referências das culturas popular e underground, literatura e filosofia Kelley explora nosso papel na sociedade com reflexões sobre identidade e memória.

TATE BRITAIN

<https://www.tate.org.uk/visit/tate-britain>

Sargent and Fashion

De 22 de fevereiro a 7 de julho

John Singer Sargent usa moda como uma poderosa ferramenta para expressar identidade e personalidade de suas musas.

Now You See Us – Women Artists In Britain 1520-1920

De 16 de maio a 13 de outubro

A exposição inclui 150 obras procurando destruir o estereótipo em torno das mulheres artistas.

Photographing 80's Britain: A Critical Decade

De 21 de novembro a 5 de maio de 2025

A fotografia como uma ferramenta para mudanças sociais, ativismo político e experimentos fotográficos na

crítica década dos anos 80.

Turner Prize retorna a Tate Britain para 2024

25 Setembro a 16 Janeiro 2025

WHITECHAPEL GALLERY

<https://www.whitechapelgallery.org/>

Zineb Sedira: Dreams Have No Titles

De 15 de fevereiro a 12 de maio

Andrew Pierre Hart

De 15 de fevereiro a 7 de julho

Gavin Jantjes: To Be Free!

A Retrospective (1970 – 2023)

De 12 de junho a 1 Setembro

Peter Kennard

Archive of Dissent: Photomontage in Action

De 23 de julho a 24 de novembro

Lygia Clark

De 2 de Outubro a 12 de janeiro de 2025

Sonia Boyce

De 2 de outubro a 12 de janeiro de 2025

Destaques do Instituto Moreira Salles em 2024



Kadan, Eslováquia, então Tchecoslováquia, 1963

Foto: Fundação Josef Koudelka

Em 2024, o Instituto Moreira Salles exhibirá, em sua sede de São Paulo, exposições de figuras centrais da fotografia e do cinema: o tcheco Josef Koudelka (1938), um dos principais nomes da fotografia humanista e poética mundial, o cineasta, roteirista e fotó-

grafo Jorge Bodanzky (1942), a fotógrafa Stefania Bril (1922-1992), consagrada também por sua atuação como crítica e curadora, e Thomaz Farkas (1924-2011), fotógrafo e cineasta que teve atuação marcante no cenário cultural brasileiro.

Depois de passar por obras de restauro e modernização, o IMS Poços reabre ao público em 13 de janeiro, com uma exposição inédita sobre o fotoclubismo em Poços de Caldas e outra de fotografias de Madalena Schwartz, já apresentada no IMS Paulista, no Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (Malba) e no Museo Nacional de Arte de La Paz. No segundo semestre, o IMS Poços receberá a exposição *Walter Firmo: no verbo do silêncio a síntese do grito* (em cartaz até 31 de março no Museu de Arte Moderna da Bahia).

O IMS Rio continua fechado para obras de restauro e reforma de sua sede na Gávea, mas estabelecerá parcerias na cidade, como fez ao longo de 2023. Inaugurada em dezembro passado, a exposição *Iole de Freitas, anos 1970 – Imagem como presença* segue em cartaz até 24 de março no Paço Imperial. A mostra reúne uma série de trabalhos – principalmente fotos e filmes em super-8 e 16 mm – que a artista produziu na década de 1970, pouco vistos pelo público brasileiro, alguns deles inéditos.

Exposições realizadas pelo instituto continuam suas itinerâncias no exterior. *Claudia Andujar – A luta Yanomami* fica em cartaz até 4 de março no Museu Amparo, no México, e de lá segue para o Museo de Arte Miguel Urrutia, em Bogotá, Colômbia, onde será inaugurada em 25 de maio. Exibida pela primeira vez no IMS Paulista, em 2018, a mostra já passou por Rio, Paris, Milão, Barcelona, Londres, Winterthur (Suíça) e Cidade do México. Já *Daido Moriyama – Uma retrospectiva*, termina em 11 de fevereiro a temporada londrina, na *The Photographers' Gallery*, e segue para o *The Finnish Museum of Photography*, em Helsinque (de



Exposição *Iole de Freitas, anos 1970 – Imagem como presença*, Paço Imperial, RJ

7/3 a 2/6), para terminar o ano na *Photo Elysée*, em Lausanne, Suíça (de 6/9/2024 a 12/1/2025).

No Cinema, destaque para duas mostras exibidas no IMS Paulista: a que homenageia a obra de Jorge Bodanzky, paulistano que elegeu a Floresta Amazônica como foco principal de seu trabalho, e a da cineasta nascida em Guadalupe Sarah Maldoror (1929-2020), cuja obra revela grande comprometimento com as lutas de libertação na África.

SERVIÇO

IMS Paulista

Avenida Paulista, 2424, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2842-9120

Horário de funcionamento: terça a domingo e feriados (exceto segundas), das 10h às 20h

Entrada gratuita

IMS Poços

Rua Teresópolis, 90, Poços de Caldas / MG

Tel.: (35) 3722 2776

Horário de funcionamento: terça a sexta, das 13h às 19h; sábados, domingos e feriados, das 9h às 19h

Entrada gratuita

Paço Imperial

Praça XV de Novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Horário de funcionamento: terça a domingo, das 12h às 18h

Entrada gratuita

Exposições e ocupações no Itaú Cultural SP

Primeiro Semestre de 2024

OCUPAÇÃO MARIA BETHÂNIA

De 6 de março a 9 de junho

Pisos térreo e 1º

Curadoria:

Núcleo de Curadorias e Programação Artística



Foto: Divulgação

Do nascimento de Maria Bethânia há 77 anos, em 1946 em Santo Amaro, Bahia, até hoje, essa Ocupação irá abordar aspectos da vida e da obra da artista. Um percurso que apresenta Bethânia em sua completude, sem se guiar por ordem cronológica.

O espaço permitirá uma experiência sensorial, colocando os visitantes em contato com a origem de Maria Bethânia e tudo que está ao seu redor: a família, o festivo, a religiosidade, a palavra e a natureza.

EXPOSIÇÃO – CLAUDIA ANDUJAR: COSMOVISÃO

De 3 de abril a 30 de junho

Pisos -1 e -2

Curadoria: Eder Chiodetto

Idealização: Núcleo de Artes Visuais e Acervo



Claudia Andajur, *série Sonhos Yanomami*

Foto: Reprodução

A mostra propõe uma nova visão sobre o trabalho da fotógrafa, com suas imagens que englobam o povo Yanomami em diversas formas: de sua clássica série *Sonhos Yanomami* (2002) ao livro *Amazônia* (1978), que coproduziu com George Love. A exposição também conta com séries de fotografias menos conhecidas de Claudia, tocando um lado experimental de sua produção.

O trabalho da fotógrafa será apresentado em seu lado conceitual, mostrando a psicodelia que também está

presente em sua obra. Séries como *Sônia* (1970-1971), *Sonho verde azulado* (1982) e *Malencontro* (1980-1989), entre outras, farão parte desta exposição inédita.

Claudia também está produzindo uma série a partir de seu trabalho *O voo de Watupari* (1976-2023), transformando suas próprias fotografias em um novo trabalho para a exposição.

OCUPAÇÃO ARTACHO JURADO

19 de junho a 15 de setembro

Curadoria: Núcleo de Artes Visuais e Acervos

Sala Multiuso

A exposição apresentará ao público a obra do arquiteto que, entre as décadas de 1940 e 1960, ajudou a desenhar a paisagem urbana de São Paulo com trabalhos que até hoje despertam fascínio e curiosidade.

Famoso por seus edifícios coloridos repletos de jardins, áreas de lazer e espaços para eventos, Artacho Jurado foi um empreendedor que soube enxergar no mercado imobiliário da época possibilidades que iam muito além da sobriedade e racionalidade geométrica que guiava outros

arquitetos do período. Dentro da Ocupação, muitas imagens, desenhos originais, publicidade de época e acervo pessoal ajudam a contar ao público essa história.

OCUPAÇÃO NANÁ VASCONCELOS

De 17 de julho a 27 de outubro

Curadoria: Núcleo de Curadorias e Programação Artística

Piso térreo

Do nascimento em Recife (PE), em 1944, até a sua morte na mesma cidade, em 2016, o músico será representado por inteiro nesta exposição – em 2024, Naná Vasconcelos completaria 80 anos. Referência na percussão, tendo aprendido a tocar praticamente todos os instrumentos percussivos, o músico é reconhecido nacional e mundialmente. Foi eleito oito vezes pela revista de jazz norte-americana *Down Beat* o melhor percussionista. Também ganhou oito Grammys pelos seus trabalhos.

Na Ocupação, o público acompanhará a história de Naná e seu processo musical – inspirada desde a música erudita de Villa-Lobos ao roqueiro Jimmi Hendrix –, culminando no vasto legado deixado na música brasileira.



Naná Vasconcelos
Foto: Helder Ferrer

MAM São Paulo anuncia programação de exposições de 2024

A agenda do primeiro semestre traz uma grande retrospectiva do fotógrafo afro-americano George Love, instalações dos artistas Emmanuel Nassar e Rodrigo Sassi, e individuais dos artistas Santídio Pereira e Ângelo Venosa.

No segundo semestre, todos os espaços expositivos do MAM serão ocupados pelo 38º Panorama da Arte Brasileira

George Love, fotografia do livro *Amazônia*, 1971



A agenda de novidades inicia em 29 de fevereiro, com uma grande retrospectiva do fotógrafo afro-americano George Love (1937-1995) na sala Milú Villela. Com curadoria de José de Boni, a mostra exhibe uma seleção do arquivo deixado pelo fotógrafo – e conservado pelo curador, que também foi seu amigo – e objetos relevantes de sua história.

Nascido em Charlotte, na Carolina do Norte (EUA), George Love veio de uma família simples e culta. Começou ainda jovem na fotografia, morou e estudou em Nova York, onde iniciou uma carreira bem-sucedida na fotografia. Chegou no Brasil na década de 1960 à convite de Claudia Andujar, sua companheira até 1974 e com quem realizou trabalhos em parceria, como o fotolivro *Amazônia* (1978), fruto de incursões na região.

A exposição exibida no MAM faz uma linha do tempo da obra de Love, e reúne trabalhos publicitários, editoriais, autorais, registros de suas incursões com Andujar na Amazônia e muito mais. No mesmo dia da abertura da mostra de George Love, o MAM também inaugura uma instalação do artista Rodrigo Sassi no Projeto Parede.

Em 2 de abril, a sala Paulo Figueiredo recebe uma individual do artista Santídio Pereira. Natural de Isaías Coelho, no Piauí, Santídio faz uso da xilogravura e da pintura, em especial, para materializar seu repertório imagético e seus interesses de pesquisa como os biomas brasileiros, a Mata Atlântica, a Caatinga, o Cerrado e a Amazônia. Na mesma data, o arquivo da Biblioteca do MAM abre uma ocupação com documentos e Diná Lopes Coelho e Paulo Mendes de Almeida, figuras marcantes na história do museu, será exibido pela primeira vez.



Angelo Venosa
Foto: Felipe Amarelo
/ Claraboia



Emmanuel Nassar, *Arraial*, 1984

Foto: Emmanuel Nassar

Também em 2 de abril, na Sala de Vidro, a exposição do artista paraense Emmanuel Nassar, autor de uma obra que se materializa essencialmente na pintura em suportes diversos, como tela, vidro, chapas metálicas e outros, e traz signos que perpassam desde o universo popular até correntes da arte contemporânea como a pop arte o concretismo.

Fechando a agenda do primeiro semestre, em 13 de junho, a sala Milú Villela recebe uma individual de Ângelo Venosa (1973-2022), um dos mais emblemáticos escultores da chamada Geração 80. Com curadoria de Paulo Venâncio Filho, a mostra é uma itinerância da Casa Roberto Marinho, do Rio de Janeiro, e inclui obras de Venosa que estão na coleção do MAM São Paulo.

No segundo semestre, o museu se prepara para receber em todos os seus espaços expositivos o *38º Panorama da Arte Brasileira*, mostra bienal e funda-

mental na história do MAM, que abre em 3 de outubro. Com curadoria de Germano Dushá e Thiago de Paula Souza, o projeto intitulado *Mil Graus* indica o objetivo dos curadores em traçar um horizonte multidimensional da produção artística contemporânea do Brasil, elaborando criticamente a realidade atual do país sob o senso de urgência e a capacidade de transformação do que eles denominam um “*calor-limite*” – temperatura em que tudo derrete, desmancha e se transmuta.

Segundo Cauê Alves, curador-chefe do MAM São Paulo, “*a programação de 2024 do MAM tem uma ênfase na discussão ambiental, em especial nas mostras de George Love e Santídio Pereira. Além disso, o 38º Panorama da Arte Brasileira se aproxima da discussão sobre aquecimento global e crise climática. E por outro lado, a grade de exposições traz uma diversidade étnica-racial fundamental para o mundo contemporâneo*”.



“CORPO
BOTÂNICO”
inaugura
nova sede do
Arte Clube
Jacarandá,
no Parque
da Catacumba,
Rio de Janeiro

Rosana Palazyan, *Ipomea quamoclit homo*, 2014
Foto: Divulgação

A mostra ocupa o Pavilhão Victor Brecheret, que abriga a partir de agora o Arte Clube Jacarandá, plataforma transversal para exposições, reflexões e publicações.

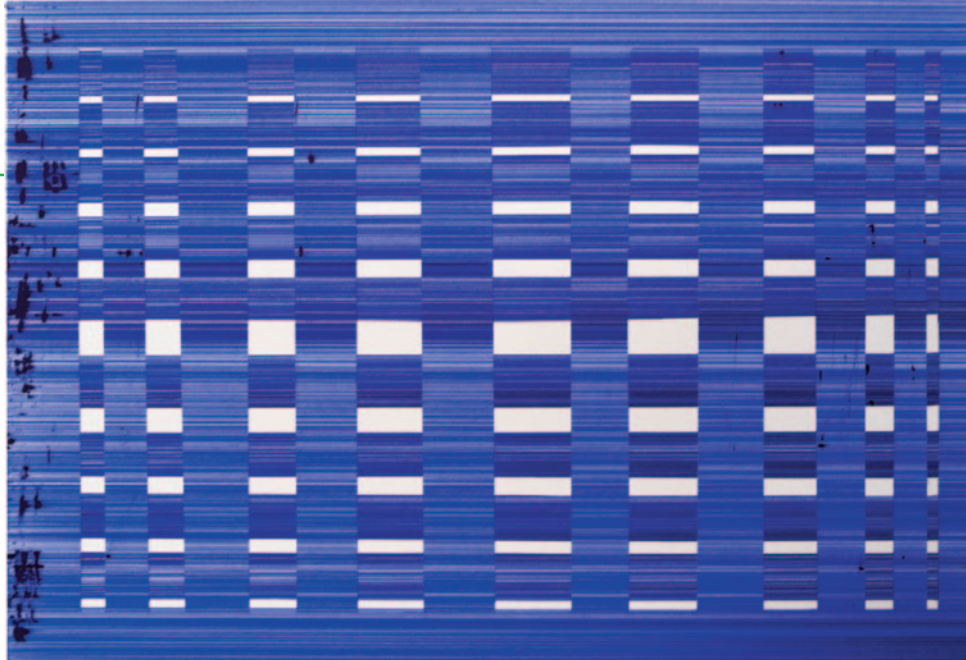
Com curadoria de Vicente de Mello, Corpo Botânico reúne trabalhos de aproximadamente 50 artistas, entre os quais, Aderbal Ashogun, Adriana Varejão, Afonso Tostes, Anna Bella Geiger, Ana Kemper, Anna Maria Maiolino, Arjan Martins, Beth Jobim, Brígida Baltar, Cabelo, Carlos Vergara, Dayse Xavier, Denilson Beniwa, Fernanda Gomes, Fessal, Gabriela Machado, José Bechara, Luiz Zerbini, Mãe Celina de Xangô, Marcela Cantuária, Mulambö, Opavivará, Rafael Adorjan, Raul Mourão, Victor Arruda, Waltercio Caldas, e Xadalu Tupã Jekupe

“Uma mescla de formas botânicas híbridas no sentido da ‘reimaginação’, onde as obras irradiam o mimetismo orgânico das experiências, que toma a natureza como ponto de partida”. Assim o curador Vicente de Mello define Corpo Botânico, ao revelar que “o ponto de partida da exposição foi a especulação das possibilidades oferecidas pelas iconografias singulares dos artistas, e suas perspectivas e parâmetros visuais em práticas sutis e transparentes da estética da natureza, como algo a ser decifrado por uma lupa que seleciona e reinterpreta dados”.

Vicente acrescenta que o conjunto das obras pode ser chamado de *“um gabinete de curiosidades, um pequeno atlas da matéria viva, em que os artistas estabelecem novas versões de fatos científicos. O Arte Clube Jacarandá tem em sua célula matriz a proposta de reunir, expor, experimentar, rever pensamentos e fluir pela experiência coletiva da realização”*, conclui.

Ana Kemper, *te extraño*, fortuna 1, 2022





Deborah Engel,
EntreLinhas,
2022
Foto: Divulgação

Até a construção da sede permanente no Parque da Catacumba, na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro – projeto arquitetônico de Zanine e Pedro Coimbra – as exposições temporárias do Arte Clube Jacarandá serão realizadas no Pavilhão Victor Brecheret. Segundo a Lagoa Aventuras, concessionária do Parque, o novo espaço (para os próximos 25 anos) será construído ao longo de 2024. O projeto arquitetônico prevê uma galeria com paredes móveis – uma caixa de vidro, para que sirva a instalações de esculturas temporárias e também como uma capela ecumênica para encontros, meditação e reflexão.

João Vergara, diretor executivo do Arte Clube Jacarandá, salienta que *“com a criação deste novo espaço, o Arte Clube Jacarandá tem o objetivo estreitar os laços entre o público, a arte e a natureza, proporcionando experiências enriquecedoras e singulares. Nas exposições, encontros, workshops e vivências haverá uma celebração da diversidade artística, propiciando diferentes oportunidades para descoberta e conexão. Este é um convite para celebrarmos juntos a riqueza cultural e natural que marca o Rio de Janeiro”*.

Desde sua criação, o Arte Clube Jacarandá já plantou mais de 1.500 mudas de jacarandá por toda a cidade e arredores do Rio de Janeiro, a partir de uma ideia da artista Fernanda Gomes.

SOBRE O ARTE CLUBE JACARANDÁ

À sombra de uma mangueira no ateliê de Carlos Vergara, em Santa Teresa, em uma tarde de 2014, um grupo de artistas visuais amigos decidiu criar uma plataforma transversal, onde se pudesse discutir arte, fazer exposições, criar espaços de reflexão e editar publicações. Rapidamente a ideia ganhou corpo, com um evento na ArtRio daquele ano, e dali em diante houve uma série de exposições, em diversos locais, além da publicação de oito edições da revista “Jacarandá”, com a participação de artistas, curadores e pesquisadores.

O Arte Clube Jacarandá inicialmente ficou sediado em um palacete em Santa Teresa, com obras de Daniel Senise, Carlos Vergara, Adriana Varejão, Fernanda Gomes, Iole de Freitas, Raul Mourão, Antonio Dias (1944-2018) – um ativo participante – Luiz Zerbini, José Bechara, Paulo Vivacqua, José Resende, entre outros.

Em 2016, se instalou na Villa Aymoré, um conjunto histórico de casas, tombado, no bairro do Catete, posteriormente adquirido pela ESPM, parceira do projeto que criou o novo site do Jacarandá e a identidade visual da exposição *Corpo Botânico*.

Dentre as exposições realizadas, se destacam *“Performance Chelipa Ferro”* (2015); *“Ocupação Mauá”*, no Cais do Porto, durante e ArtRio 2015; *“Ocupação Leblon”* (2015); *“Ocupação Miami”*, no Fasano Shore Club, durante a Arte Basel Miami 2015; *“Do Clube para a Praça”*, inauguração da sede na Villa Aymoré; *“Piauí”*, exposição sobre uma residência artística coletiva no Piauí; e *“Indelével”*, com artistas mulheres, em 2016; *“Grid”*, com curadoria do Felipe Scovino; performance

“Silêncio”, de Lenora de Barros; *“Sopa de Pedra”*, com curadoria de Daniel Senise, coletiva com artistas e alunos da UFF, e curadoria de Luiz Guilherme Vergara, em 2017; *“Cavalo”*, do coletivo de artistas Cavalo, em 2018. No mesmo ano, foi feita a exposição *“Esqueleto”*, que tinha como base a destruição da favela do Esqueleto para a construção da UERJ.

Em 2022, o Jacarandá montou um andar inteiro no hotel Matarazzo Rosewood, em São Paulo, com uma instalação permanente dos artistas Cabelo, Vicente de Mello, Tomás Ribas, Maria Laet, Mariana Manhães, Oskar Metsavaht e Arjan Martins. E também foi publicada a revista digital *“Jacarandá Arte e Poder”*, organizada por curadores, artistas e escritores pretos de várias gerações.

SOBRE O PARQUE DA CATACUMBA

Aberto das 6h às 17h, com entrada gratuita, o Parque da Catacumba, administrado desde 2009 pela Lagoa Aventuras, é um amplo espaço bucólico com esculturas, parquinho infantil, banheiros, bebedouro, bicicletário e fraldário gratuitos. É procurado também por sua trilha para os Mirantes do Sacopã e Urubu (1.200m de percurso, aproximadamente), e atividades de aventura para todas as idades, como arvorismo, muro de escalada, tirolesa, rapel, essas com ingresso pago.

A história do local remonta ao início do século 20, com a Chácara da Catacumba pertencente à Baronesa da Lagoa Rodrigo de Freitas, que teria deixado em testamento suas terras para seus ex-escravizados, que pas-



Ayla Tavares,
Sonante, 2019
Foto: Vicente de Mello

saram a ocupá-lo após sua morte. Em 1964, Carlos Lacerda, governador do então Estado da Guanabara, iniciou um processo de desmanche das favelas, removendo seus habitantes para “conjuntos habitacionais” distantes. Depois da remoção da favela, o morro passou por um processo de reflorestamento e por um programa de contenção de encostas. Na década de 1980, o Parque da Catacumba abrigou shows musicais e exposições gratuitos, ao ar livre, se tornando um ponto importante de arte e cultura.

SERVIÇO

Corpo Botânico – exposição inaugural da nova sede do Arte Clube Jacarandá

Até 25 de fevereiro

Arte Club Jacarandá – Pavilhão Victor Brecheret
Parque da Catacumba

Av. Eptácio Pessoa, 3.000, Lagoa Rodrigo de Freitas,
Rio de Janeiro / RJ

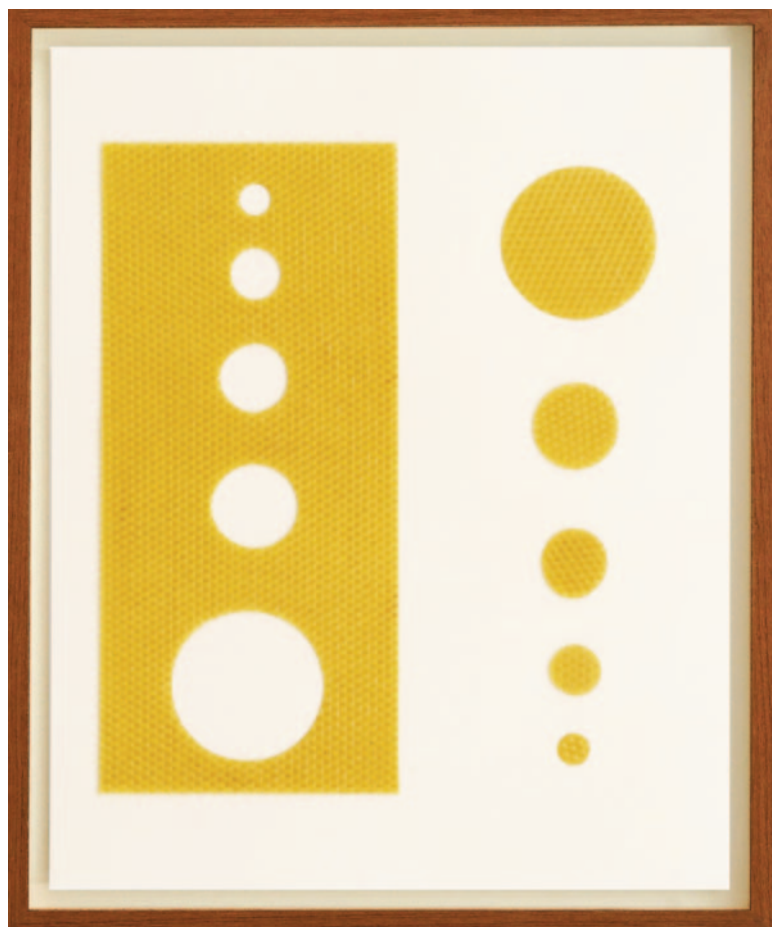
Dias/horários: sábado e domingo, das 11h às 17h;
terça a sexta-feira – visitas às 10h, 14h e 16h

agendamento pelos telefones: (21) 4105-0079 (WhatsApp)
e (21) 96497-2338 (celular)

Entrada gratuita



Marcelo Cantuária, *Explode Coração*, 2020
Foto: Estevan dos Anjos



Siri, *Estudo para movimento Mel Concreto Solar*, 2023
Foto: Divulgação



Ismael Nery, *Baía de Guanabara*, sem data, Coleção Roberto Marinho, Instituto Casa Roberto Marinho

Foto: Pedro Oswaldo Cruz

Na Casa Roberto Marinho, RJ, CONVERSAS ENTRE COLEÇÕES

Até 24 de março, mostra exhibe obras de seis coleções privadas em diálogo com o acervo da Casa. Os trabalhos revelam afinação plástica entre o modernismo brasileiro e a produção contemporânea, e as seleções incluem grandes nomes do Brasil e do exterior, como Abdias do Nascimento, Adriana Varejão, Ai Weiwei, Beatriz Milhazes, Di Cavalcanti, Ernesto Neto, Guignard, Pancetti, Leonilson, Luiz Zerbini, Pierre Soulages, Tarsila do Amaral e Vieira da Silva

Seis dos mais importantes colecionadores do país foram convidados para curarem os espaços expositivos da Casa Roberto Marinho, no Cosme Velho, Zona Sul do Rio, estabelecendo um diálogo artístico entre o acervo da Casa e peças de suas coleções particulares. O resultado é uma espécie de ponto de convergência intergeracional do colecionismo brasileiro.

A partir da imersão no conjunto reunido pelo jornalista Roberto Marinho, com cerca de 1.400 peças em diferentes suportes, os colecionadores Andrea e José Olympio Pereira, Luciana e Luis Antonio de Almeida Braga, Mara e Marcio Fainziliber, Marcia e Luiz Chrysostomo de Oliveira Filho, Paulo Vieira, Mônica e George Kornis tiveram autonomia curatorial para explorar as possibilidades visuais desse encontro e organizar suas salas.

Entre muitos trabalhos ainda inéditos para o público, as seleções incluem modernistas e contemporâneos de diversas nacionalidades, como Abdias do Nascimento (1914-2011), Adriana Varejão, Ai Weiwei, Alberto Guignard (1896-1962), Anna Maria Maiolino, Beatriz Milhazes, Candido Portinari (1903-1962), Di Cavalcanti

(1897-1976), Djanira (1914-1979), Ernesto Neto, Iberê Camargo (1914-1994), Iole de Freitas, Ismael Nery (1900-1934), José Pancetti (1902-1958), Lasar Segall (1889-1957), Leonilson (1957-1993), Lucia Laguna, Luiz Zerbini, Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992), Mira Schendel (1919-1988), Mona Hatoum, Pierre Soulages (1919-2022), Roberto Magalhães, Rubens Gerchman (1942-2008), Sonia Gomes, Tarsila do Amaral (1886-1973), Vik Muniz e outros.

SALA ANDREA E JOSÉ OLYMPIO PEREIRA

20 Obras (Térreo)

Iniciada no princípio dos anos 1990, a Coleção Andrea e José Olympio Pereira concentra-se na expressão da arte brasileira a partir da década de 1950.

“Começamos nossa jornada com a arte moderna, transitando, em seguida, para a riqueza da abstração geométrica. No final dos anos 1990, mergulhamos de cabeça na produção contemporânea, abraçando artistas de nossa geração e das próximas”, revela José Olympio que, para a exposição *Conversas entre coleções*, selecionou dez de suas obras.



Walmor Corrâ,
Diorama Cartesiano 3,
2011,
Coleção Andrea
e José Olympio Pereira
Foto: Edilson Dantas



Anna Bella Geiger,
Olho, sem data,
Coleção Mônica
e George Kornis
Foto: Jaime Acioli

Entre os nomes consagrados estão Anna Maria Maiolino, Iole de Freitas, Lucia Laguna, Thiago Martins de Melo e Walmor Corrêa. *“Nosso compromisso não se limita a reunir trabalhos, mas a mergulhar profundamente na essência de cada artista que nos cativa.”*

“As escolhas foram dedicadas a artistas contemporâneos vivos, cujas criações podem ser desconhecidas para muitos. Acreditamos que essa abordagem oferece ao público uma experiência renovadora”, afirma o casal.

SALA MÔNICA E GEORGE KORNIS

72 Obras (Térreo)

“Acreditamos que a disponibilização de obras de arte de coleções privadas para um público mais amplo é um movimento fundamental para a constituição de diálogos plurais e consistentes, no sentido de estimular o pensamento e a disseminação do conhecimento no campo das artes plásticas”, escreveu o casal em seu texto de parede.

Mônica e George Kornis iniciaram o colecionismo em 1975 e hoje guardam um dos principais conjuntos de gravuras no Brasil. A coleção progrediu com o propósito de construir um panorama histórico da gravura artística produzida aqui desde sua origem, no início do século 20, até o presente.

“Importante destacar que somos uma coleção e não uma acumulação”, pontua George, informando que um número expressivo de trabalhos tem circulado em mostras de gravuras em capitais do país e no exterior. *“Estamos interessados em produzir algum grau de conhecimento em arte, é uma coleção privada com vocação pública. Privilegiamos, nesta exposição, um diálogo fluente entre artistas, temas, linguagens e distintas perspectivas de observação. Sem dúvida, um desafio que envolve a busca simultânea por síntese e pluralidade”,* revela.

Em sua sala, o casal expõe muitos inéditos: pela primeira vez os artistas estrangeiros presentes na

coleção serão mostrados, bem como as pinturas e as esculturas. A seleção inclui trabalhos de Anna Bella Geiger, Antoni Tàpies, Arthur Piza, Di Cavalcanti, Franz Weissmann, Livio Abramo, Lucio Fontana, Mira Schendel, Oswaldo Goeldi, Rossini Perez, Tarsila do Amaral e Yolanda Mohalyi, entre outros. O diálogo com o acervo da Casa amplia a lista de artistas exibidos com obras de Antonio Manuel, Carlos Vergara, Loio-Pérsio e Waltercio Caldas.

SALA LUCIANA E LUIS ANTONIO DE ALMEIDA BRAGA **46 Obras (1º Pavimento)**

A curadoria do casal Luciana e Luis Antonio de Almeida Braga – que mantém uma coleção de 300 peças, desde os anos 1990, especializada em modernismo brasileiro – se concentra em dois grandes nomes: Lasar Segall e Rubens Gerchman.

“Escolhemos juntar Segall e Gerchman, dois dos nossos maiores artistas, tendo ambos a rara capacidade de mostrar em suas obras a força, tantas vezes claustrofóbica, do destino na vida do homem; ontem, hoje e amanhã”, exalta Luis Antonio.

A tela *Kaddish* (1917-1918), de Segall, foi o ponto de partida para a primeira seleção. Ao lado de *Paisagem brasileira II*, pintura que igualmente pertence à Coleção Roberto Marinho, a obra é apresentada em diálogo com um expressivo conjunto de 37 gravuras do artista lituano radicado no Brasil.

“Por afinidade estética, elegemos também a obra de Gerchman. De nossa coleção, selecionamos sete traba-



Ione Saldanha, *Casas Verdes*, 1953, Coleção Marcia e Luiz Chrysostomo
Foto: Jaime Acioli

lhos em diferentes suportes, que são exibidos em diálogo com a litografia Comunicação (1975), do acervo da Casa Roberto Marinho”, revela Almeida Braga.

Ele chama a atenção para algumas curiosidades de sua coleção: *“Esses trabalhos do Gerchman não são exibidos publicamente há cerca de 20 anos. E as gravuras do Segall nunca foram emolduradas. Estou na expectativa de vê-las enquadradas, na área expositiva”.*

SALA MARCIA E LUIZ CHRYSOSTOMO **47 Obras (1º Pavimento)**

Iniciada há mais de 25 anos, a coleção de cerca de 1.500 obras privilegia um olhar abstrato geométrico, a partir do final dos anos 1940, com maior foco no Brasil. De acordo com os colecionadores, *“ela navega trans-*

versalmente por múltiplos meios de expressão como pintura, escultura, desenho, obras gráficas e fotografia”.

Para o economista Luiz Chrysostomo, em um país como o Brasil, com tamanha diversidade cultural e social, colecionar é também preservar histórias não contadas e contextos que podem se apagar.

“Um objeto isolado, presente em uma coleção, perde sua identidade enquanto elemento único: ao ser disposto como conjunto, na presença de outros pares, cria dimensões”, afirma. “No exercício proposto pela Casa, cada colecionador, ao realizar suas escolhas, ressignifica formas, cores ou temas das obras de sua coleção e da de Roberto Marinho. Nessa nova imersão do olhar, formulam-se questões que estavam ausentes, quase como uma nova gênese”.

Em sua curadoria, o casal optou por definir três eixos: ‘*Temáticas*’, ‘*Artistas*’ e ‘*Narrativas*’.

Em “*Temáticas*”, são apresentados três núcleos: ‘*Natureza*’, com dois Portinari (‘*Flora e Fauna*, 1934; e ‘*Floresta*, 1942); ‘*Natureza-morta*’, com um trabalho de Di Cavalcanti de 1936; e ‘*Fachadas*’, com a escolha de dois delicados Roberto Rodrigues, de 1926.

Já o eixo “*Artistas*” exibe um raro e surpreendente Pancetti (1941) em diálogo com as cadeiras de madeira *Fairytale chair* (2007), de Ai Weiwei. Inclui também a portuguesa Vieira da Silva (*Ópera Bouffe*, 1968) e uma escultura do baiano Emanuel Araújo.

Em “*Narrativas*”, Marta e Luis partem de Ismael Nery e Guignard, artistas de grande representatividade na Coleção Roberto Marinho, para dialogar com o íntimo, o etéreo e o subliminar. Dionísio Del Santo, Arnaldo Antunes, Maria Helena Andrés, Luciano Figueiredo e Max Bill, entre outros, compõem a seleção do casal.

SALA MARA E MARCIO FAINZILIBER

23 Obras (1º Pavimento)

Mara e Marcio frequentam, com intensa assiduidade, museus, bienais, feiras, ateliês, galerias e as principais mostras no Brasil e no mundo: “*Isso fez com que desenvolvêssemos um olhar muito parecido e de muita cumplicidade para a arte*”, diz Mara.

Beatriz Milhazes, *Perche Vienne la Pancia*, 1990,
Coleção Mara e Marcio Fainziliber
Foto: Jaime Acioli





Vik Muniz, *Pictures of Junk – WWW (World Map)*, 2008, Coleção Paulo Vieira.

Foto: Jaime Acioli

“Nos idos dos anos 1980, comprávamos peças de artistas estrangeiros jovens, ainda pouco conhecidos, como é o caso do americano Henry Taylor e da inglesa Lynette Yiadom-Boakye (ambos presentes na mostra), agora consagrados”, relembra Marcio. “Ainda hoje, continuamos nessa busca por jovens artistas, mas com foco nos brasileiros, que integram uma geração incrivelmente talentosa”.

De acordo com o casal, os diálogos foram todos desafiadores e, algumas vezes, poéticos. Um texto de Beatriz Milhazes foi o disparador para a conversa perfeita com Guignard. E a série de litografias de Jean-Baptiste Debret, um destaque da Coleção Roberto Marinho, foi relacionada à obra *Polvo*, de Adriana Varejão. *“Fizemos essa conexão porque Adriana afirma sua intenção de levantar questões relacionadas a raça”, explica Mara. “Para o óleo de Di Cavalcanti, com temática marítima, escolhemos outro trabalho da Varejão, Mãe D’água, que enfoca nossas divindades afrodescendentes”.*

Uma relação mais complexa firmada pelo casal de colecionadores é a da artista alemã Iza Genzken com Maria Martins. *“Maria rompe com a idealização do humano em suas esculturas de bronze e Iza cria diálogos e ilusões com materiais duros como o concreto. Ambas as obras escolhidas transmitem força, energia, conhecimento e apontam para o divino”, analisa o colecionador.*

SALA PAULO VIEIRA

48 Obras (1º Pavimento)

A Coleção Paulo Vieira, iniciada nos anos 1980 com foco em arte brasileira, sobretudo paisagens, reúne hoje cerca de 700 obras de 200 artistas de mais de 40 nacionalidades.

“Com o tempo, o conceito de paisagens foi ampliado para imagens políticas. Mais tarde, a coleção se internacionalizou e somaram-se trabalhos de artistas contemporâneos que abordam as temáticas do desloca-

mento, das fronteiras, cartografias e mapas mentais”, detalha o advogado e colecionador carioca.

“No início dos anos 2000, aceitei o convite do querido Gilberto Chateaubriand para presidir a Associação de Amigos do Museu de Arte Moderna do Rio. Ali, aprendi que um colecionador pode ser, também, um agente cultural. Mais tarde, vieram a Tate e a Escola de Artes Visuais do Parque Lage. A possibilidade de trabalhar com curadores de grandes instituições me abriu novos horizontes”, lembra Paulo, que é o atual diretor-executivo do MAM Rio e presidente do Conselho Internacional da Tate. “Tenho certeza de que essas experiências informam a coleção. A partir de um certo momento, toda essa trajetória passou a compor uma grande paisagem.”

Jorge Guinle, *Old man river*, 1986,
Coleção Roberto Marinho, Instituto Casa Roberto Marinho
Foto: Cristiana Isidoro



A visão de Paulo se expressa na seleção apresentada nas duas salas que encerram a mostra, com muitos inéditos. Nas paredes, chama a atenção o tríptico de grandes dimensões *Pictures of Junk: WWW (World Map)*, 2008, de Vik Muniz. O diálogo foi estabelecido com a pintura monumental *Rio de Janeiro*, 1993, de Luiz Zerbini, da Coleção Roberto Marinho.

Entre os 48 trabalhos apresentados, constam peças em diferentes formatos de artistas estrangeiros, como o inglês Jonathan Callan, a eslovena Marjetica Potrc, os argentinos Jorge Macchi e Nicolás Robbio, a norte-americana Jennifer Bolande e o canadense Marcel Dzama. Outro destaque são as obras da palestina Mona Hatoum. Entre os brasileiros, há trabalhos de Leonilson, Rivane Neuenschwander e Rodrigo Andrade.

SERVIÇO

Conversas entre Coleções

Até 24 de março

Instituto Casa Roberto Marinho

Rua Cosme Velho, nº 1105, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3298-9449

Visitação: terça a domingo, das 12h às 18h

(Aos sábados, domingos e feriados, a Casa Roberto Marinho abre a área verde e a cafeteria a partir das 9h)

Ingressos à venda exclusivamente na bilheteria:

R\$ 10 (inteira) / R\$ 5 (meia entrada)

Às quartas-feiras, a entrada é franca para todos os públicos
Aos domingos, “ingresso família” a R\$ 10 para grupos de quatro pessoas.

A Casa Roberto Marinho respeita todas as gratuidades previstas por lei e é acessível a pessoas com deficiência física. Estacionamento gratuito para visitantes, em frente ao local, com capacidade para 30 carros.

<https://casarobertomarinho.org.br/>

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868